

## PREVENÇÃO DO HIV/AIDS E RACIALIZAÇÃO: PERCORRENDO FLUXOS, FESTAS E CORPOS

DE LORENA, Allan Gomes. **Sem Perreco**: a prevenção do HIV em fluxos, festas e bailes funks. São Paulo: Ed Hucitec, 2022. 211p.

**Esmael Alves de Oliveira<sup>1</sup>**

Allan Gomes de Lorena é doutorando em Saúde Coletiva pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), mestre na mesma área (2022) e bacharel em Saúde Pública pela mesma instituição (2017). Possui também especialização em Gestão de Redes de Atenção à Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (2018). Com trajetória marcada pelo envolvimento em práticas de redução de danos em contextos de festas, Allan atuou como Coordenador do Projeto ResPire do Centro de Convivência É de Lei (2020-2023) e atualmente exerce a função de Secretário Adjunto de Saúde da Prefeitura de Jundiá. A obra *Sem Perreco: a prevenção do HIV em fluxos, festas e bailes funks* é fruto de sua dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de São Paulo, e carrega o vigor de uma pesquisa que alia sensibilidade metodológica e engajamento político.

Prefaciada por dois nomes de destaque no campo da Saúde Coletiva - José Ricardo Ayres e Marco Akerman -, a obra se estrutura em oito capítulos (que o autor chama de “fluxos”) e uma conclusão intitulada significativamente como “Onde é o after”. Seu fio condutor está ancorado nos debates contemporâneos sobre HIV/aids e juventudes (Ferrari, 2021; Granjeiro et al, 2023), mas avança para articular temas como bailes funks, práticas culturais de jovens negros e LGBTQIA+ das periferias, e epistemologias insurgentes no campo da saúde.

No primeiro fluxo, intitulado *Nois no jet*, Allan inicia a obra por meio de um gesto etnográfico fundamental: a localização de si enquanto pesquisador e sujeito implicado no campo. Ao optar por se apresentar em meio à tessitura da pesquisa, o autor se distancia de uma tradição cientificista que separa o pesquisador do objeto e aproxima-se de uma epistemologia situada, marcada



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional.

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia Social – Universidade Federal de Santa Catarina; Professor Adjunto – Universidade Federal da Grande Dourados; E-mail: esmaeloliveira@ufgd.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9235-5938>.

por afetos, pertencimentos e deslocamentos. Essa entrada anuncia o tom da obra: um texto que é, ao mesmo tempo, rigoroso e poético, científico e sensível. Neste capítulo, Allan situa sua trajetória pessoal e política. Ser “jovem, cisgênero, pansexual e historicamente preto” é ponto de partida para a construção da pesquisa e dos tensionamentos que emergem do trabalho com prevenção nas periferias. O título faz referência à gíria “dar um jet” - um rolê -, que já indica o deslocamento territorial, corporal e epistêmico em direção às bordas da cidade e das políticas públicas. Entre 2018 e 2021, o autor atuou na política municipal de IST/Aids, período em que identifica limites nas estratégias convencionais de prevenção combinada ao HIV, sobretudo quando confrontadas com as vivências de jovens negros LGBTQIAPN+. A indagação central da pesquisa - “quais os limites e possibilidades da prevenção combinada ao HIV com jovens negros LGBTQIAPN+ em festas nas periferias de São Paulo?” - nasce de uma crise identitária-profissional e da aproximação com coletivos culturais periféricos. A pesquisa de campo se desenvolve entre julho de 2019 e março de 2020 e mobiliza, dentre várias referências, o conceito de “saberes vampiros” (Paul Preciado), ou seja, saberes que se nutrem de experiências marginais e corporificadas.

No segundo capítulo, *É o fluxo*, o autor apresenta a organização da obra, explicitando que a metáfora do “fluxo” - termo que remete aos bailes funks realizados nas ruas das periferias - é também uma chave metodológica e epistemológica. O fluxo não é apenas o lugar da festa, mas o espaço da circulação de corpos, saberes, práticas e afetos que desafiam as formas normativas da política pública e da prevenção tradicional.

O terceiro fluxo, *Corpodemia*, realiza um percurso pela história social da prevenção ao HIV/aids tanto nos EUA quanto no Brasil. Allan recupera momentos-chave das políticas públicas, desde o surgimento da epidemia nos anos 1980 até os desafios contemporâneos. Este capítulo propõe uma história social da Aids, inspirada na obra de Richard Parker, articulada em ondas que mapeiam deslocamentos político-discursivos na gestão da epidemia: Primeira onda (década de 1980): ativismo de base comunitária, principalmente a partir do protagonismo gay; o conceito de “grupo de risco” aparece com força. Segunda onda (década de 1990): o Estado brasileiro assume protagonismo via Programa Nacional de DST/Aids; deslocamento para a noção de “comportamento de risco”; distribuição de AZT. Terceira onda (2000-2010): globalização da saúde; a Aids torna-se “doença crônica”; farmacologização crescente; surgem políticas como a “3 por 5” e o licenciamento compulsório do Efavirenz. Quarta onda (2010-2020): formulação da “prevenção combinada” pela Unaid; foco em metas como 90-90-90 e o fim da epidemia até 2030. Medicina antirretroviral se torna pilar das

políticas. Quinta onda (2020-2030): emergente, marcada por retrocessos e desafios com o aumento da epidemia entre jovens negros LGBTQIAPN+ - cujos contextos são negligenciados pelas estratégias centradas no serviço e ignoram suas práticas de socialização (festas, redes, apps). No entanto, seu objetivo não é apenas descrever eventos históricos, mas oferecer uma leitura crítica sobre como certas corporalidades foram centralizadas, enquanto outras foram marginalizadas ou apagadas. A noção de “corpodemia” permite pensar a epidemia também como um regime de visibilidade e regulação de corpos - o que ressoa com os estudos contemporâneos sobre biopolítica e governamentalidade (Preciado, 2018).

No quarto capítulo, *Chavoso, Mandrake e Rolezeire*, o autor nos conduz a cenas etnográficas do campo de pesquisa e discute os caminhos metodológicos que sustentaram o trabalho. Aqui se apresenta uma discussão metodológica inovadora, definida como etno/grafia sanitaria, que põe em diálogo saúde coletiva e antropologia. A escrita é experimentação e tentativa de registrar o fluxo, tanto literal (os bailes funk) quanto epistêmico (as transgressões metodológicas e estilísticas). A partir da escuta atenta de jovens periféricos, negros e LGBTQIA+, Allan explora a complexidade das redes de sociabilidade, das gírias e das performances de gênero e sexualidade que circulam nos fluxos e festas. Trata-se de uma metodologia atravessada por um “lugar de corpo” (Duque, 2020), que enfatiza que o conhecimento é produzido não apenas pela fala, mas também pelos modos como nossos corpos se localizam e produzem afetos, sentidos, conhecimento (Passamani, 2025).

O quinto fluxo, *Arquivo negro da prevenção*, tece uma crítica contundente ao apagamento das histórias negras na história da epidemia de HIV/Aids. Influenciado por autores como Saidiya Hartman, Mbembe, W.E.B. Du Bois, Paul Gilroy e Octavia Butler, dentre outros, Allan propõe a ideia de “arquivo negro da prevenção”. O capítulo propõe pensar a prevenção como um arquivo: um conjunto de discursos, práticas e silenciamentos que compõem uma determinada visão sobre o que é prevenção, para quem ela é feita e com quais corpos. O arquivo, tradicionalmente entendido como espaço de preservação de memórias, é questionado por também produzir violências e silenciamentos, especialmente de corpos negros. Há uma crítica direta à linguagem sanitária - tabelas e gráficos - que desumanizam os sujeitos. A Comunidade Ballroom de São Paulo emerge como contraponto: um espaço de alta tecnologia contrassexual, de cuidado e resistência, que se torna arquivo vivo das experiências negras dissidentes. Conceitos como “prevenção preta” e “zona autônoma de criação” reconfiguram a saúde sexual como prática cotidiana, afetiva e política - longe do consultório e próxima das

ruas, dos bailes e da oralidade. A prevenção deixa de ser uma técnica médica para se tornar um gesto reparativo. Allan convoca a comunidade ballroom – movimento cultural negro e queer – como potência de deslocamento desse arquivo normativo. O capítulo propõe uma reconfiguração do que pode ser reconhecido como saber em saúde, operando uma crítica contundente à branquitude epistêmica que moldou o campo da prevenção.

Em *JuventudeS periféricaS*, sexto capítulo da obra, o autor apresenta narrativas de jovens negros e LGBTQIA+ sobre saúde, prevenção e cuidado. Neste capítulo, o autor revisita as entrevistas com jovens “rolezeiros” e evidencia as juventudes periféricas como produtoras de discurso, não apenas como alvos de políticas públicas. Ao pluralizar o termo “juventudes”, Allan recusa uma visão homogênea e normativa dos sujeitos jovens e investe em uma abordagem interseccional que considera os atravessamentos de raça, gênero, sexualidade, território e classe. Os relatos evidenciam não apenas as vulnerabilidades, mas também as estratégias de resistência, cuidado coletivo e invenção de si que emergem nos contextos periféricos. O capítulo oferece uma contribuição valiosa à literatura sobre juventudes e saúde ao deslocar o foco da “falta” para a potência das práticas juvenis.

No sétimo fluxo, *Doses e goles, clubes e parties*, Allan elabora uma instigante reflexão sobre a articulação entre corpo, festa e saúde. Aqui se delinea o conceito potente de “corpo-festa” – uma categoria analítica que reconhece o corpo em sua potência de invenção, deslocamento e resistência nos espaços festivos. Aqui, a festa é pensada não como um “risco” a ser contido, mas como um espaço de produção de vida, de cuidado e de invenção de outras formas de existência. O autor analisa as dinâmicas de uso de substâncias, os códigos de segurança e afeto presentes nos fluxos, e propõe que a festa pode ser também um lugar de prevenção – ainda que ela não se pareça com os modelos tradicionais das campanhas institucionais. Trata-se de uma defesa radical de uma ética do prazer que desafia os modelos biomédicos centrados na norma e no controle (Barreto, 2018).

O oitavo capítulo, *Ainda sobre o corpodemia*, se apresenta como um ensaio-colagem que articula a experiência da pandemia de COVID-19 com os sentidos da epidemia de HIV/aids. Este capítulo atua como um fechamento circular, trazendo uma crítica à “dupla clínica” da Aids e da Covid-19, unidas por práticas classificatórias e de necropolítica. Essa montagem entre contextos permite ao autor refletir sobre os modos como certas vidas são tornadas descartáveis, enquanto outras são protegidas por políticas públicas. A aproximação entre as pandemias destaca as desigualdades raciais, territoriais e sexuais que moldam a política da vida e da morte no Brasil contemporâneo

(Oliveira, Duque, 2022). É um capítulo que tensiona as fronteiras entre ciência e arte, ensaio e política, e reafirma o compromisso da obra com uma escrita encarnada e crítica.

Na conclusão, intitulada *Onde é o after*, Allan retoma os principais argumentos da obra e se debruça sobre os desafios contemporâneos das políticas preventivas voltadas a jovens negros, LGBTQIA+ e periféricos. Longe de propor soluções fechadas, o autor insiste na necessidade de escuta, de descentralização das práticas institucionais e de incorporação dos saberes locais e culturais como parte legítima da construção das políticas públicas. Ao problematizar a colonialidade das intervenções em saúde, a conclusão reafirma a importância de epistemologias dissidentes e de uma prevenção feita com – e não sobre – os sujeitos.

A obra *Sem Perreco: a prevenção do HIV em fluxos, festas e bailes funks*, de Allan de Lorena, constitui uma contribuição fundamental para os debates contemporâneos sobre HIV/aids e raça ao evidenciar como os corpos negros, periféricos e dissidentes têm historicamente sido marginalizados nas políticas públicas de saúde – e, simultaneamente, como esses mesmos corpos criam alternativas potentes de cuidado e prevenção. Essa crítica dialoga diretamente com as reflexões de Jurema Werneck (2017), ao evidenciar que a história da saúde no Brasil é marcada por exclusões sistemáticas da população negra, tanto no acesso quanto na escuta de suas necessidades. Contudo, assim como Werneck aponta que a persistência de novos modelos traduz a pressão contínua dos sujeitos historicamente excluídos, Allan nos mostra que os fluxos, festas e redes de afeto nas periferias são formas legítimas – e urgentes – de reivindicar outras políticas de cuidado, fundadas na escuta, no pertencimento e na reparação.

Assim, podemos dizer que *Sem Perreco* é uma obra potente, atual e necessária. Sua maior força reside na capacidade de articular com maestria teoria crítica, etnografia sensível e engajamento político. Ao pensar a prevenção a partir dos fluxos, das festas e dos bailes funks, Allan Gomes de Lorena desloca o eixo das discussões sobre HIV/aids no Brasil e contribui significativamente para uma virada epistemológica no campo da Saúde Coletiva. O pesquisador, com muita sagacidade, constrói uma obra onde a linguagem, o corpo e a festa são elementos de uma epistemologia preta, periférica e dissidente da prevenção. Pela riqueza das questões que apresenta, o livro transita entre crítica institucional e experimentação estética-política, tensionando os modos de fazer ciência, fazer política e fazer cuidado. Trata-se de um corpo-texto em movimento, que pede leitura com os ouvidos, com o corpo e com o coração.

A obra se insere num movimento mais amplo de descolonização dos saberes e de valorização das epistemologias negras, periféricas e LGBTQIA+. Em tempos de retrocessos políticos e sanitários, a escrita de Allan é um convite à imaginação política e à construção de práticas de cuidado mais afetivas, horizontais e potentes. “Sem perreco”, afinal, é menos sobre ausência de problemas e mais sobre o desejo coletivo de seguir vivendo - e dançando - apesar de tudo.

## Referências

BARRETO, Vitor Hugo S. Prazer e risco: o desafio entre as políticas de saúde contemporâneas relacionadas ao hiv/aids e os roteiros eróticos de homens que fazem sexo com homens. In: CASTRO, R.; ENGEL, C.; MARTINS, R. (Org.).

**Antropologias, saúde e contextos de crise.** Brasília: Sobrescrita, 2018. p. 149-162.

DUQUE, Tiago. Corpo de fala e pesquisa: autorreflexões sobre identidade e diferenças. In: NOGUEIRA, G.; MBAMDI, N.; TRÓI, M. de (Org.). **Lugar de fala:** conexões, aproximações e diferenças. Salvador: Devires, 2020. p. 71-80.

FERRARI, Wendell. **Nas tramas da sexualidade:** um estudo sobre trajetórias afetivo-sexuais de homens jovens gays. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz (IFF/Fiocruz), Rio de Janeiro, 2021.

GRANGEIRO, Alexandre et al. **Epidemia de HIV, tecnologias de prevenção e as novas gerações:** tendências e oportunidades para a resposta à epidemia. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 39, Supl. 1, e00144223, 2023.

OLIVEIRA, Esmael Alves de; DUQUE, Tiago. **Pandemia e pandemônio no Brasil contemporâneo:** reflexões sobre a produção das diferenças. *Revista Interinstitucional Artes De Educar*, v. 8, p. 85-102, 2022.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **O corpo e o sexo do antropólogo:** reflexões sobre desejo, prazer e limites éticos na pesquisa etnográfica. *Horizontes Antropológicos*, n. 72, e720401, 2025.

PRECIADO, Paul B. **TESTO JUNKIE:** Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

WERNECK, Jurema (Org.). **Mulheres Negras**: um Olhar sobre as Lutas Sociais e as Políticas Públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Crioula, 2017. Disponível em: [https://criola.org.br/wp-content/uploads/2017/10/livro\\_mulheresnegras\\_1\\_.pdf](https://criola.org.br/wp-content/uploads/2017/10/livro_mulheresnegras_1_.pdf)

Recebido em julho de 2025.

Aceito em novembro de 2025.